"Anima et corpus una persona est": desencarnação gnóstica contemporânea e a unidade pessoal em Santo Agostinho*

Davi Chang Ribeiro Lin**

Resumo

O presente artigo apresenta a trajetória de Santo Agostinho no desenvolvimento de sua concepção sobre a relação corpo-alma em diálogo com a tendência gnóstica da cibercultura contemporânea em sua percepção da corporeidade. O percurso no pensamento de Santo Agostinho, que vai da inimizade corpo-alma até a afirmação da unidade pessoal, é apresentado nas suas três diferentes fases: primeiramente seguidor do maniqueísmo; e posteriormente cristão em dois períodos distintos, o inicial contendo influência neoplatônica destacando a hierarquia da alma sobre o corpo, e o estágio seguinte a partir do ano 411, no qual a ênfase é a unidade da pessoa humana. Nos escritos da maturidade o dualismo agostiniano não é expressão de separação corpo-alma, mas condição para a integração, pois tanto a dualidade quanto a unidade pessoal fazem-se necessárias para a singularidade humana. Sua antropologia, nutrida a partir da cristologia e teologia trinitária, provocou uma concepção de amizade e reconciliação do corpo com a alma, mesmo sendo o corpo idoso e limitado da fase final de sua vida, em um processo inverso ao gnosticismo da cibercultura contemporânea.

* Artigo recebido em 14/009/2015 e aprovado para publicação em 23/10/2015.

** Doutorando em teologia pela FAJE (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia). Possui mestrado em teologia pelo Regent College (Canadá). É graduado em psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e especialista em psicologia clínica fenomenológica-existencial.
E-mail: davichangbh@gmail.com Instituição financiadora: CAPES | PROEX

Palavras-chave: Santo Agostinho, gnosticismo, relação corpo-alma, dualismo, pessoa.

Abstract

This article presents Saint Augustine's trajectory in the development of his concept of soul-body relationship in a dialogue with the gnostic tendencies of the current cyberculture in its perception of corporeality. The progression in Saint Augustine thought, that goes from body-soul enmity until the affirmation of personal unity is presented in his three different phases: firstly as a Manichean follower, and after as a Christian, in its two distinct periods. The first stage contains Neoplatonic influences that emphasized the hierarchy of the soul over the body, and the following stage from the year 411, on which the highlight is on the unity of the human person. On his maturity writings, Augustinian dualism is not expression of a split body-soul but the condition for integration, for both duality and personal unity are necessary for human uniqueness. His anthropology, nurtured by Christology and Trinitarian Theology, provoked friendship and reconciliation between body and soul, even the aged body of the final stage of his life, an inverse process of contemporary cyberculture's Gnosticism.

Keywords: Saint Augustine, Gnosticism, body-soul relation, dualism, person.

"Anima et corpus una persona est": desencarnação gnóstica contemporânea e a unidade pessoal em Santo Agostinho

Introdução

Um dos desafios à teologia cristã na contemporaneidade é a emergência de uma nova relação com a corporeidade. O corpo limitado e frágil encontra-se sob suspeita; feito e refeito, produzido tecnologicamente, levado ao limite de si mesmo. Diante da busca pela perfeição, pela superação dos limites do tempo e espaço, aspira-se ir além da matéria e da realidade física; a virtualização tende à desencarnação, separando corpo e experiência, desintegrando corpo e alma; revela-se

uma nova configuração do antigo gnosticismo. Na perspectiva gnóstica, é preciso ir além do corpóreo, pois se compreende salvação a partir do conhecimento ou gnose, desvinculado da materialidade. Ao contrário da fé cristã, esta concepção não inclui a encarnação ou valoriza a dimensão corporal da realidade.

De acordo com João Manuel Duque (2014, p.13) a cibercultura flerta com uma cosmologia e antropológica gnóstica, concepção de um idealismo imaterial que acaba por abandonar as condições da existência concreta e histórica. Duque (2014, p.6) afirma que, paradoxalmente, apesar de aparentar e fomentar um dualismo, o gnosticismo é monista de base, pois sua concepção de salvação termina por eliminar as diferenças e a dualidade corpo-alma. Ao contrário da fé cristã, que propõe a ressurreição do corpo como expressão de uma escatologia que concebe a reconciliação entre corpo e alma, o gnosticismo termina por eliminar o material e o corpóreo. Apesar de ser dualista em sua compreensão do estado atual do mundo, pois os princípios do mal e bem se misturaram no mundo material, o gnosticismo crê em uma fase de redenção futura que separa realidade física e realidade incorpórea. Termina por afirmar a aniquilação da matéria. Esta antropologia desencarnada permeia a cibercultura:

Este monismo de base, como vimos, resulta na anulação de uma componente da realidade, desqualificada como irreal. Na modernidade, por exemplo, assistimos à redução do espaço e do tempo a meras categorias subjetivas ou a meras formulações matemáticas. Na cibercultura, assistimos à sua anulação, mesmo como experiências subjetivas. Desaparece, assim, o último vestígio da experiência do tempo e do espaço, declarados como falsas construções. (DUQUE, 2014, p.13)

A trajetória biográfica, filosófica e teológica de Santo Agostinho dialoga com esta configuração cultural atual, pois o hiponense converte-se do maniqueísmo (origem gnóstica) ao Cristianismo, reafirmando progressivamente a unidade pessoal que reconcilia corpo e alma e que culmina na ressurreição corporal. Este processo é inverso ao gnosticismo da cibercultura contemporânea, que se afasta progressivamente de uma visão antropológica encarnada. Acrescenta-se como relevante para a presente discussão o fato de Agostinho participar dos debates trinitários da sua época, mantendo a tensão da relação como condição para a diferença e a diferença como condição para a relação.

Santo Agostinho e o dualismo corpo-alma

Podemos reconhecer os diferentes momentos no pensamento de Santo Agostinho sobre a relação da alma com o corpo, a saber: primeiramente, um estado de inimidade, a partir do maniqueísmo; posteriormente um desenvolvimento a partir da concepção da unidade accidental, advinda do neoplatonismo; e por último na ênfase da unidade pessoal, pela via da cristologia e da teologia trinitária. Este caminho evidencia um caminho de progressiva reconciliação entre corpo e alma.

Em sua juventude, Agostinho foi adepto da seita dos maniqueus. De acordo com Gillian R. Evans (1995, p. 30), o maniqueu crê que seu corpo não passa de um estorvo, mas a alma é espiritual, divina e pode atingir a perfeição. Mani, fundador do maniqueísmo, sugeria que a alma e o corpo eram inimigos desde a fundação do mundo. Esta concepção polarizada e de conflito ressoava com o senso de inadequação corporal e guerra dentro de si que vivia o jovem Agostinho. No maniqueísmo, de orientação gnóstica, o corpo precisava ser superado, e a matéria era vista como um problema.

Após abandonar a visão maniqueia-gnóstica da qual foi seguidor por 11 anos, Agostinho primeiramente enfatiza o dualismo alma-corpo e a concepção de unidade accidental, herdada da influência neoplatônica em seu pensamento cristão inicial. Há uma ênfase que ressalta dois níveis diferentes, sustentada na hierarquia da alma sobre o corpo. Apesar do realce hierárquico da superioridade da alma, Agostinho concebe o ser humano tanto como corpo quanto alma, mesmo afirmando a importância crucial da interioridade e da alma como vinculada à imagem de Deus.

Por ser cristão, Agostinho não concebe a alma como a prisão do corpo como faziam os neoplatônicos. Apesar da influência neoplatônica nesta primeira fase, que vai até o ano 411, Agostinho vai se afastando da visão neoplatônica e vai concebendo a alma e o corpo misturados como algo positivo. Distancia-se da visão neoplatônica que negava a encarnação do Verbo divino, pois postulavam uma contaminação negativa do superior (alma) pelo inferior (corpo).

Como aponta Michel Quatrefages, (2006, p. 83) na primeira fase do pensamento agostiniano o foco é na utilização e na mistura de dois níveis: a alma utilizando o corpo, como exemplificada na epístola 137. Agostinho diz que a pessoa do homem é mistura da alma e do corpo; o termo *persona*, nesta fase, quando utilizado, o sentido prevalente é de papel, representação, mas não tanto de unidade. Nesta primeira fase de seu pensamento sobre a relação corpo-alma, a ênfase não é ainda na unidade, mas utilização e hierarquia.

A partir do ano 411, tendo como referência a cristologia, (QUATREFAGES, 2006, p.79) dá-se importante passagem da concepção da unidade accidental para utilizar a noção de unidade pessoal. Argumenta-se que da mesma maneira que todo o homem é uma pessoa, ao mesmo

tempo alma racional e carne, assim também Cristo é uma pessoa, verbo e homem. Sobre o fundamento cristológico, a unidade da pessoa não tira a subsistência das duas naturezas, pois a integridade das mesmas é mantida. Em Agostinho, constrói-se um modelo antropológico a partir da cristologia, *una persona*, entre a "única pessoa" do homem, corpo e alma, e a "única pessoa" do Cristo, Deus e homem. O mistério tanto da pessoa do Cristo quanto da relação corpo-alma no humano é sua unidade de manifestação, que não exclui a diversidade. O enfoque cristológico tem como consequência antropológica o *totus homo*, um todo substancial criado constituído por alma racional e corpo. Nesta unidade dual, como aponta Emmanuel Housset (2007, p. 65) a expressão *una persona* permite relacionar a união orgânica da cabeça e do corpo com o mistério da união do Cristo com da sua Igreja.

Francisco Rego (2001, p. 38) que realizou em seu doutorado ampla pesquisa sobre a relação corpo-alma em Agostinho, enfocou linguisticamente a evolução do pensamento Agostiniano a partir da prevalência das palavras *anima*, *corpus*, *homo* e *persona* nas duas diferentes fases. Se até o ano de 411 as palavras mais utilizadas para descrever um ser humano eram *anima* e *corpus*, nas obras posteriores o foco é em outras duas, em *homo* e *persona*, com sentidos inquestionáveis de unidade.

Nas obras da maturidade, tendo como horizonte a relação trinitária (como em *De Trinitate*), Agostinho enfatiza que uma pessoa é a unidade do homem todo, com a simultaneidade da alma e do corpo em todo ser humano. Pessoa é inseparavelmente "substancial racional consistindo de alma e corpo" (AGOSTINHO, *De Trinitate* 15.7.11). O conceito de pessoa se torna termo unitivo e englobante, que tem sua acepção máxima no sentido trinitário, mas também uso cristológico e antropológico, por ser o homem imagem de Deus. Sem precisar eliminar dualismo ou desencarnar-se (eliminando a matéria, o concreto, o corpóreo) como no gnosticismo, o mistério trinitário permite manter a concepção de pessoa como unidade na diferença sem confusão nem separação.

Segundo o extensivo estudo de Ludger Hölscher (1986, p.220) em Agostinho tanto o dualismo quanto a unidade pessoal se fazem necessários, pois o mistério humano é a unidade de duas substâncias distintas, alma e corpo. A singularidade humana se torna possível no dualismo antropológico que não perde a unidade como horizonte.

Em Santo Agostinho, principalmente nos escritos finais, esta dualidade não é expressão de separação corpo-alma ou tentativa de se escapar do mundo, mas integração e até certo equilíbrio. Esta integração inclui uma subordinação voluntária do corpo à alma, pois a alma é a regente do corpo; mas o enfoque não recai sobre a luta entre as partes, mas em uma reconciliação. Como afirma Stephen Duffy (1999, p.26) conceitualmente Agostinho mudou da tendência de ver o corpo como

fonte de alienação para a afirmação da pessoa inteira. Apesar de reconhecer a importância da visão integrativa, é relevante ressaltar que o hiponense realisticamente não propunha a ausência de ambivalências ou conflitos entre corpo e alma ou visava uma completude perfeita no corpo mortal, mas sim uma unidade na dualidade razoavelmente reconciliada.

Conclusão: reconciliação com o corpo

Como aponta Duffy (1999, p.26) Agostinho em suas obras da maturidade fala do corpo com afeto e amor, ao contrário dos termos utilizados para descrever o corpo em sua fase inicial, como "servo" ou "armadilha". Nesta fase posterior, Agostinho utiliza termos como "o esposo da alma" ou "amigo". Agostinho ressaltava que esta amizade da alma com o corpo peleja na luta contra a terrível inimiga, a morte. É interessante ressaltar que esta reconciliação com o corpo em Agostinho foi ainda mais enfatizada na delicada condição da velhice, quando naturalmente tematiza-se mais sobre a finitude e a morte. Foram nos anos finais, reconhecendo a fragilidade do corpo, que Agostinho integrou-se e reconciliou-se com a corporeidade. Ao contrário de negá-la ou querer superá-la, Agostinho acolheu a fragilidade corporal, enxergando a beleza e a bondade dadas por Deus ao corpo humano. Mesmo com limitações, este ainda carrega a esperança da ressurreição, pois "todo o homem, alma e corpo, pertencem por sua natureza ao Criador." (AGOSTINHO, *apud* Rego, 2001, p.398).

Na visão cristã do destino final do ser humano, a pessoa inteira, tanto o corpo quanto a alma, serão redimidos. O ser humano terá corpo sólido, não-virtualizado, ao contrário de uma atual utopia neognóstica que luta incessantemente contra os limites do corpo, e que propõe como salvação a ausência da frágil materialidade. Apesar da tendência contemporânea de substituir a condição humana por um pós-humano ou um super-humano produzido tecnologicamente que se relaciona virtualmente, a fé cristã continua insistindo que um corpo débil, mesmo sendo este deficiente ou crucificado, é mediador da relação e participará da plenitude da vida trinitária na cidade de Deus.

Tanto o gnosticismo quanto o cristianismo propõem a necessidade de uma saída de si. No gnosticismo, esta se realiza no escapar da materialidade, pela desencarnação. Contrariamente, no cristianismo a valorização da encarnação é a condição de possibilidade para a unidade pessoal. Pela doutrina da encarnação do Cristo, a consequência antropológica é que o corpo torna-se o mediador para o amor a outro ser encarnado. Na antropologia agostiniana, o movimento não é de desvalorização do corpo, mas de saída do egoísmo e da concupiscência para um amor ao outro, a Deus e ao próximo.

Críticas feitas a Santo Agostinho enfatizando uma visão pessimista do corpo tendo a influência neoplatônica como a característica essencial de seu pensamento não compreendem sua evolução teológica e acabam por fazer um desserviço a uma compreensão holística da obra agostiniana. Desconsideram a vital importância de compreendermos um autor por seus escritos finais, que são suas obras da maturidade.

Apesar de Santo Agostinho e outros pais da igreja defenderem a unidade psicossomática como um princípio básico da antropologia cristã questionando o platonismo prevalente, estes não conseguiram evitar que o dualismo alma-corpo de origem grega invadisse o pensamento cristão (PANNENBERG, 1994, p. 182). Como afirma Wolfhart Pannenberg (1994, p.184) apesar de corrigirem a visão helenística e platônica, a antropologia patrística valorizou o modelo da ligação das substâncias e não foi capaz de compreender plenamente a ideia de unidade psicossomática. Esta limitação abriu caminho para uma elaboração posterior de base mais aristotélica, que se desenvolve em pensadores como São Tomás de Aquino, na tese de que a alma é a forma essencial do corpo.

A despeito das limitações de sua época, a trajetória de Santo Agostinho contribui para uma visão de valorização da corporeidade que desafia a contemporaneidade. Sua trajetória vai de um estado de conflito com seu corpo na juventude para uma reconciliação e afirmação da bondade corporal na velhice. Sua teologia permitiu uma reconciliação com sua biografia, e ao mesmo tempo, sua biografia fomentou a afirmação de uma teologia mais integrada. Uma antropologia alimentada pelos horizontes cristológico e trinitário, ainda que limitada pelas contingências históricas de seu tempo, promoveu a reconciliação da alma com o corpo. Esta unidade que preserva a singularidade torna-se como um convite a uma relação de cuidado com ambos, que ao respeitar tanto o corpo quanto a alma, instiga o ser humano a uma constante integração que permite a unidade da pessoa humana.

Referências

AGOSTINHO, Santo. *A Trindade*. São Paulo: Paulus, 1995.

AGOSTINHO, Santo. *Comentário aos salmos*. São Paulo: Paulus, 1998.

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. São Paulo: Paulus, 1984.

DUFFY, Stephen. *Anthropology*. In: FITZGERALD, Allan (Ed.). *Augustine through the ages: an encyclopedia*. Grand Rapids: Eerdmans, p.24-31.

DUQUE, João Manuel. *Realidade, Virtualização e Relação: Utopias Neognósticas do pós humano na cibercultura*. Artigo e conferência apresentados no XI Simpósio Filosófico-Teológico da FAJE, em setembro de 2014.

EVANS, Gillian R. *Agostinho sobre o mal*. São Paulo: Paulus, 1995.

HÖLSCHER, Ludger. *The reality of the mind: Augustine's philosophical arguments for the human soul as a spiritual substance*. London: Routledge and Kegan Paul, 1986.

HOUSSET, Emmanuel. *La vocation de la personne. L'histoire du concept de personne de sa naissance augustinienne à sa redécouverte phénoménologique*. Paris: Épipiméthée, 2007.

PANNENBERG, Wolfhart. *Systematic Theology Volume 2*. Grand Rapids: Eerdmans, 1994.

REGO, Francisco. *La relación del alma con el cuerpo: una reconsideración del dualismo agustiniano*. Buenos Aires: Gladius, 2001.

QUATREFAGES, Michel. "Augustin et 'Persona'." In MEUNIER, B. *La personne et le christianisme ancien*, Paris: Cerf, 2006, p. 73-99.